

PROFESSOR(ES): Cristian Cargnin Barbieri / Juliano Tavares dos Santos / Miriam Becker Coronel
E-MAIL: cristian-cbarbieri@educar.rs.gov.br / juliano-tsantos@educar.rs.gov.br / miriam-bcoronel@educar.rs.gov.br

ÁREA: Linguagens e suas Tecnologias

ITINERÁRIO: Expressão Corporal II

DISCIPLINA: ÉTICA NO ESPORTE

ANO/SÉRIE: 2º ANO/ 2º H e 2ºI 2º K, 2º L, 2º M e 2º J

ATIVIDADE REFERENTE AO MÊS/PERÍODO DE: NOVEMBRO

NOME DO ALUNO: _____ **TURMA:** _____

Sexualização no esporte

Por que os uniformes esportivos femininos estão em debate?

Aletas mulheres levantam questionamentos sobre a necessidade e funcionalidade de vestimentas que expõem seus corpos.



Ginastas alemãs usam calças em estreia nas Olimpíadas de Tóquio em 28 de julho.

O uso de roupas que expõem os corpos das atletas voltou a ser discutido durante as Olimpíadas de Tóquio. A equipe de ginástica da Alemanha estreou nos Jogos com um tipo de macacão com calças legging, em vez dos tradicionais collants, no primeiro domingo da competição. A líder do time de ginastas, Sarah Voss, 21 anos, explicou que foi uma escolha da equipe com o objetivo de promover a liberdade de escolha das vestimentas e encorajar o uso de roupas mais confortáveis. O grupo usou um uniforme semelhante no campeonato europeu, em abril, como gesto para conter a sexualização do esporte.

As ginastas alemãs não foram as únicas a desafiar o *dress-code* das competições esportivas neste ano. Um pouco antes das Olimpíadas, no dia 22 julho, as jogadoras da seleção feminina de handebol da Noruega foram multadas pela Federação Europeia de Handebol em 150 euros cada uma por usarem

shorts no lugar do biquíni durante o Campeonato Europeu de Handebol de Praia. O valor total da penalização é de R\$ 9,2 mil. Algumas modalidades definem uniformes obrigatórios que não têm justificativas atléticas para serem usados. É mais possível que atrapalhem o desempenho, por fazer com que se sintam expostas ou incomodadas, além de restringirem os movimentos.

As jogadoras norueguesas, por exemplo, argumentaram que o biquíni atrapalha na movimentação em quadra, mas a comissão europeia de handebol afirmou que os trajes eram “impróprios”, pois não estavam de acordo com os regulamentos de uniformes de atletas definidos nas regras do jogo de handebol de praia da Federação Internacional de Handebol.

A transgressão feminina às regras impostas pelas convenções esportivas não é uma questão atual, mas sim histórica. A bandeira dos uniformes é mais um reflexo da falta de inclusão das mulheres no esporte.

Quando o mundo passou a estruturar as regras dos esportes e competições de alta performance, no século 19, eram majoritariamente homens pertencentes a uma elite econômica que organizava esses jogos, voltados para outros homens. Nesse movimento, não se pensa em inclusão ou conforto

O acesso de mulheres às modalidades esportivas foi um processo lento iniciado a partir das Olimpíadas de 1900. No início, a participação delas era restrita a esportes mais gentis, como arco, tênis e golfe. Na época, elas representavam apenas 2% dos competidores, disputavam junto com os

homens e não podiam receber medalhas caso vencessem as provas. O direito à medalha da vitória só foi possível nos Jogos de Amsterdã, em 1928.

Com a popularização das modalidades esportivas, a organização de esportes e competições se tornou um negócio, um tipo de empresa com estrutura organizacional e hierárquica. Assim, começam a surgir os dirigentes esportivos com micropoderes para ditar as regras nas organizações dos eventos ou delegações e federações. Essa estrutura de direção foi e é majoritariamente composta por homens, que naturalmente passaram a desenhar um mercado esportivo dirigido para outros homens.

Assim, quando as mulheres ganham espaço no mundo esportivo, elas passam a compor esse produto voltado para os homens e são transformadas em novas formas de atração para esse público, o que atrela o desempenho esportivo à sexualização dos corpos das atletas.

O que vemos agora é um movimento de empoderamento das atletas que está atrelado a outros questionamentos sociais ligados ao direito da mulher em todos os aspectos. O esporte é muito amplo e pode aglutinar temáticas que vão além dele. O movimento de negar expor o corpo está presente em outras instâncias da sociedade, como cinema, novelas e afins.

O aumento do público e a divulgação de episódios de protestos pelas redes sociais atingem pessoas que se identificam com essas questões, independente de serem fãs de esporte ou não.

O movimento de não objetificação do corpo das atletas é algo poderoso. O esporte é um espaço que depende e valoriza o desempenho corporal, então é adequado e pertinente que esse questionamento surja nessa área, na qual a mulher teve sua participação constantemente proibida, interdita e limitada.

Por mais mulheres nas direções

Hoje temos um corpo diretivo de homens que estão há muito tempo nesse lugar de poder, estagnados na ideia de que a mulher esteja sexualizada, porque faz parte do pacote do produto desenhado para o público masculino, condicionando o fato de que ter mulheres nos jogos é um atrativo por estarem com os corpos expostos.

Há um movimento em ascensão de mulheres dentro das direções esportivas, mas ainda é um processo lento e que demanda de muito apoio. No entanto, é uma necessidade para o aumento dos direitos das atletas mulheres e competidores de outras minorias sociais.



Atividades:

1- Quais fatores influenciaram a essa sexualização do esporte, e como se sustenta essa ideia até os dias atuais?

2- Posicione-se trazendo seu ponto de vista acerca da imposição do uso de uniformes, você considera essa prática aceitável? Traga argumentos e mostre-o através de um pequeno texto: